



PARABÉNS A TODOS QUE TEM FÉ NESSA MÃE MARAVILHOSA
COM SEU MANTO, PEDIMOS A PROTEÇÃO
COM SUAS LÁGRIMAS NOS LAVAMOS
COM VOSSO TERÇO, A PROTEÇÃO!

Reunimos aqui, um pouco da história, curiosidades e momentos marcantes de Círios passados. Esta é uma de nossas homenagens para o povo devoto de Nossa Senhora de Nazaré.
A AMAM DESEJA UM FELIZ E ABENÇOADO CÍRIO A TODOS OS PARAENSES!

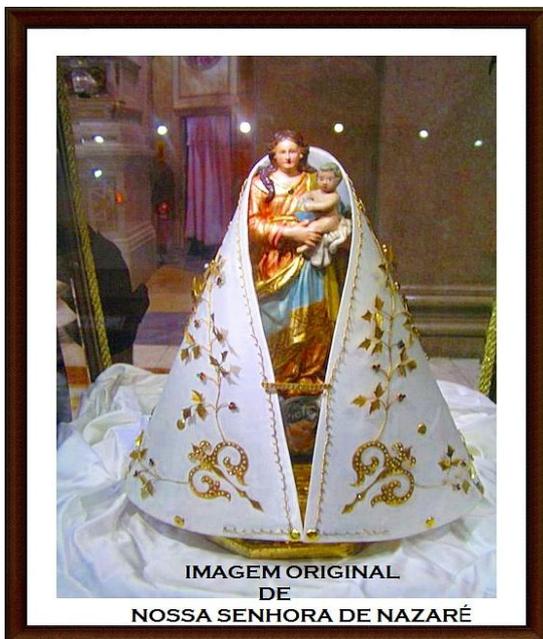


IMAGEM ORIGINAL
DE
NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

história

A devoção a Nossa Senhora de Nazaré teve início em Portugal. A imagem original da Virgem pertencia ao Mosteiro de Caulina, na Espanha, e teria saído da cidade de Nazaré, em Israel, no ano de 361, tendo sido esculpida por São José. Em decorrência de uma batalha, a imagem foi levada para Portugal, onde, por muito tempo, ficou escondida no Pico de São Bartolomeu. Só em 1119, a imagem foi encontrada. A notícia se espalhou e muita gente começou a venerar a Santa. Desde então, muitos milagres foram atribuídos a ela.

No Pará, foi o caboclo Plácido José de Souza quem encontrou, em 1700, às margens do igarapé Murutucú (onde hoje se encontra a Basílica Santuário), uma pequena imagem da Senhora de Nazaré. Após o achado, Plácido teria levado a imagem para a sua choupana e, no outro dia, ela não estaria mais lá. Correu ao local do encontro e lá estava a “Santinha”. O fato teria se repetido várias vezes até a imagem ser enviada ao Palácio do Governo. No local do achado, Plácido construiu uma pequena capela.

Em 1792, o Vaticano autorizou a realização de uma procissão em homenagem à Virgem de Nazaré, em Belém do Pará. Organizado pelo presidente da Província do Pará, capitão-mor Dom Francisco de Souza Coutinho, o primeiro Círio foi realizado no dia 8 de setembro de 1793. No início, não havia data fixa para o Círio, que poderia ocorrer nos meses de setembro, outubro ou novembro. Mas, a partir de 1901, por determinação do bispo Dom Francisco do Rêgo Maia, a procissão passou a ser realizada sempre no segundo domingo de outubro.

Tradicionalmente, a imagem é levada da Catedral de Belém à Basílica Santuário. Ao longo dos anos, houve adaptações. Uma delas ocorreu em 1853, quando, por conta de uma chuva torrencial, a procissão – que ocorria à tarde – passou a ser realizada pela manhã.



Aspecto da procissão do Círio de Nazaré, em foto do início do século (cartão postal)



D. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Pará de 1861 a 1890. D. Macedo e o bispo de Olinda, D. Vital, foram condenados e presos pelo Império por ocasião da chamada "Questão Religiosa", em 1872-75.

Entre o mito e a História



Imagem de Nossa Senhora de Nazaré. O manto que cobre a imagem é confeccionado a cada ano, oferecido pelos devotos.

Um dos vitrais que contam a história da devoção a Nossa Senhora de Nazaré. Os vitrais, que se encontram nas paredes laterais da Basílica, foram ofertados por diversas famílias paraenses (note-se a referência ao doador na parte inferior do vitral)

Entre 1730 e 1774 construiu-se outra ermida. Em 1793, o então Presidente da Província do Pará, Francisco de Sousa Coutinho, ordenou que no dia 8 de setembro do mesmo ano fosse inaugurada, em frente à ermida, uma feira de produtos regionais, seguida de uma novena com missa cantada e procissão. Nascia assim o Círio de Nazaré.

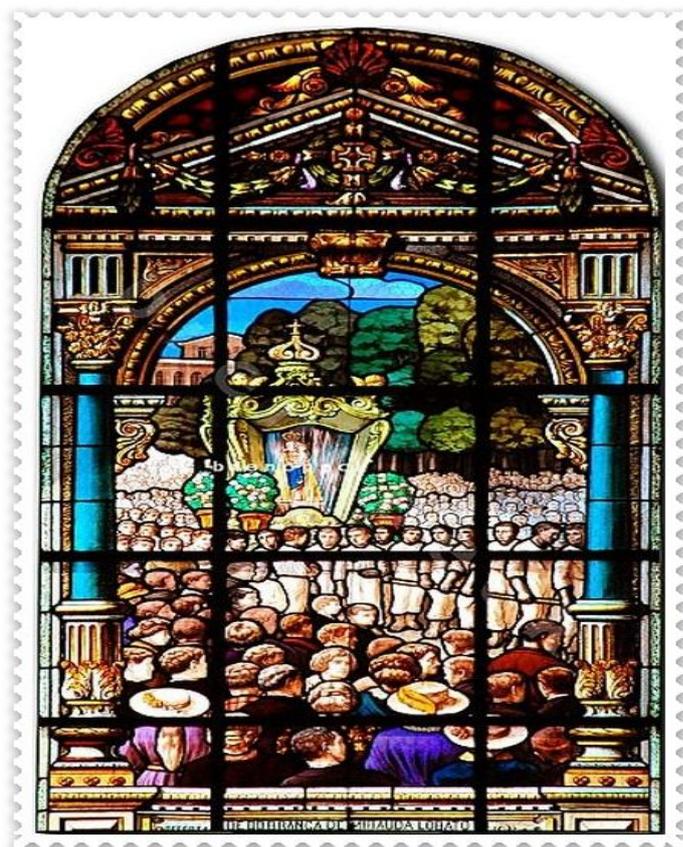
No início não havia data certa para o Círio, podendo este ser realizado em setembro, outubro ou novembro. Em 1901 fixou-se o segundo domingo de outubro como a data oficial do Círio. Em 1882, o bispo D. Macedo Costa e o Presidente da Província Justino Ferreira, decidiram que a procissão sairia não mais do Palácio do Governo, mas da Catedral da Sé.

A devoção à Virgem de Nazaré foi trazida ao Pará pelos jesuítas, em meados do século XVII, a princípio na cidade de Vigia e, posteriormente, em Belém.

Por volta de 1700, um caboclo amazônico, de nome Plácido, teria encontrado numa das matas que circundavam Belém, uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Plácido não hesitou em levá-la para sua humilde cabana. Para sua surpresa, ao acordar no dia seguinte, viu que a imagem havia sumido. Assustado, correu até o local onde a encontrara e percebeu que a santa estava lá.

Plácido decide, então, construir uma pequena ermida para abrigá-la. A notícia do "milagre" espalhou-se rapidamente, atraindo para a palhoça de Plácido os lenhadores seus vizinhos e os habitantes da cidade que, de curiosos, passaram a engrossar as fileiras dos

devotos da "santa" milagrosa. A cada ano aumentava o número dos que iam até a cabana do caboclo a fim de ofertarem os "ex-votos" aos pés do altar da imagem. Sobressaíam-se os círios, velas de cera que depois passaram a denominar a própria procissão feita em homenagem à "santa".

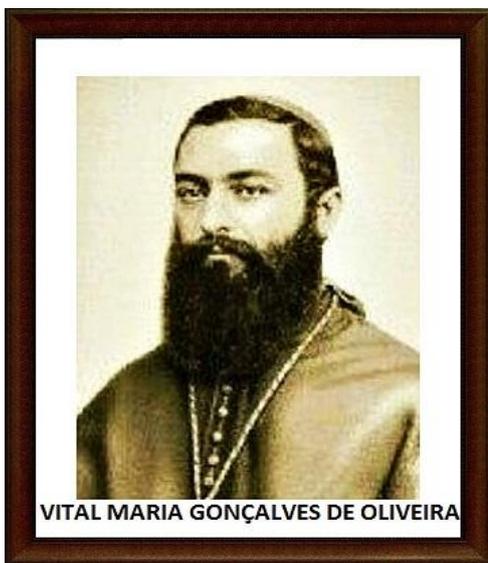




Vista da Catedral a partir da praça e um trecho da sua fachada lateral, voltada para a rua Dr. Assis. Observe-se, na fachada principal, o nicho com a imagem de Nossa Senhora de Belém (cartão postal).



Perspectiva interna da nave principal da Catedral da Sé (cartão postal)



É no episcopado de D. Macedo Costa (1861-1890) que vai se desenrolar a chamada Questão Religiosa (1872-1875), onde, disposto a afastar das Irmandades religiosas os adeptos da maçonaria, o bispo do Pará é preso, em 1874, juntamente com D. Vital, bispo de Olinda. Este conflito, no contexto das contendas entre Igreja e Império no Brasil oitocentista, é apontado como uma das causas da proclamação da República e foi decisivo para o fim do regime do Padroado Régio, que subordinava a Igreja ao Estado.

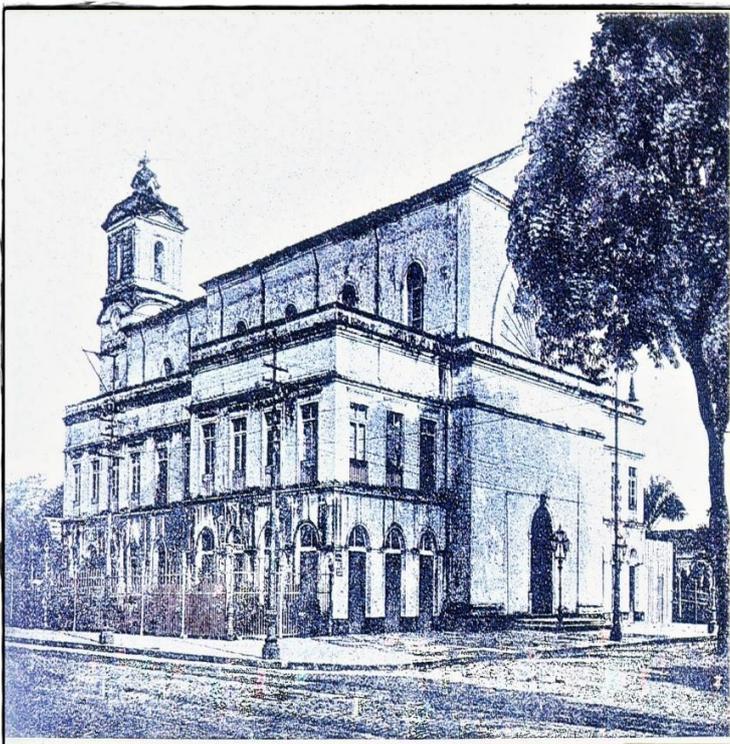
Ainda no episcopado de D. Macedo Costa explode a Questão Nazarena. A partir de uma denúncia no jornal Diário de Belém, aos 25 de outubro de 1877, de que numa das noites do arraial do Círio, foram apresentados quadros com imagens de mulheres nuas, D. Macedo decide suspender a festa e fechar a Igreja. Os devotos reagiram arrombando as portas da Igreja e realizando, nos anos de 1878 e 1879, dois "Círios civis", ou seja, sem a

presença do clero católico.

Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.
Cyrío de N. Sa. de Nazareth ao passar na Avenida da Republica.
Carruagens com devotos acompanhando o cyrio, a primeira conduz S. Exa.
o Senador Antonio Lemos, intendente Municipal de Belém.



A foto, tomada do antigo prédio de "A província do Pará", registra a passagem da romaria do Círio pela Avenida da República (atual Presidente Vargas), em direção a Avenida Nazaré (cartão postal)



Uma das grandes preocupações de D. Macedo Costa era tirar das mãos da Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré do Desterro a organização do Círio de Nazaré. Em 1880, o impasse foi resolvido com a criação de uma comissão para organizar a festa, formada por confrades e religiosos nomeados pelo bispo. A partir de então, a Irmandade foi perdendo, cada vez mais, o poder de decisão que tinha sobre a organização do Círio.

Construída no local onde foi encontrada a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, no século XVIII, a igreja da foto - versão de 1852 - é anterior à basílica atual, que foi iniciada em 1909 (cartão postal).



QUEM ERA O CABOCLO PLÁCIDO, AFINAL?

É impossível falar da história do Círio de Nazaré, sem mencionar o nome do caboclo Plácido. Conhecido como o “homem que achou a Santa”, Plácido tem seu nome envolvido em lendas e histórias ligadas ao Círio.

Alguns estudiosos da religião, até duvidam que ele realmente tenha existido. Por outro lado, alguns dizem não ter dúvida de que Plácido José existiu e foi o iniciador do culto à Nossa Senhora de Nazaré, em Belém. Há quem diga ainda que o homem, não era um caboclo humilde como diz a lenda e sim um grande caçador e agricultor que possuía grandes pedaços de terras. Afinal, quem foi Plácido José de Souza?

Segundo a escritora paraense Mízar Bonna, Plácido nasceu no município de Vigia, era filho do português Manoel Ayres de Souza e sobrinho de um dos primeiros capitães-mores do Grão Pará, Ayres de Souza Chichorro. A esposa dele era Ana Maria de Jesus, também paraense, filha do português Fernão Pinto da Guia. O casal morava na região conhecida como Estrada do Maranhão, hoje bairro de Nazaré, em terras que lhes foram doadas pelo tio, em 1673. “Ele não era um simples caboclo como muitos dizem por aí. Plácido fazia parte de uma das primeiras famílias colonizadoras do Pará”, diz a escritora.

Geraldo Mártires Coelho, professor da faculdade de História da Universidade Federal do Pará (UFPA), e autor do livro “Uma crônica do maravilhoso: tempo, lenda e memória no culto da Virgem de Nazaré”, definiu Plácido como “uma figura mitológica”. De acordo com ele, até hoje não existe nenhum documento provando a existência do homem. “Ninguém sabe quem ele era. Não há provas, não há documento. O que existe é uma tradição”, explicou o professor.

Em um artigo publicado na edição do dia 27 de setembro no DIÁRIO, sobre a análise da devoção e fé popular, o engenheiro Waldemir Jorge João, lembra que a devoção à Virgem de Nazaré foi introduzida no Pará por padres jesuítas portugueses, antes do achado da imagem por Plácido em Belém. Ao lembrar que ela teria sido esculpida em Portugal, e, trazida para cá pelos jesuítas, o autor do artigo disse também que Plácido viveu na Vigia, até vir morar em Belém: seria um homem pacato e religioso, que possivelmente conhecia os jesuítas. Para Waldemir, o achado da imagem não foi tão casual como diz a lenda, “uma vez que a imagem se encontrava num dos caminhos pela mata, habitualmente percorridos por Plácido”.

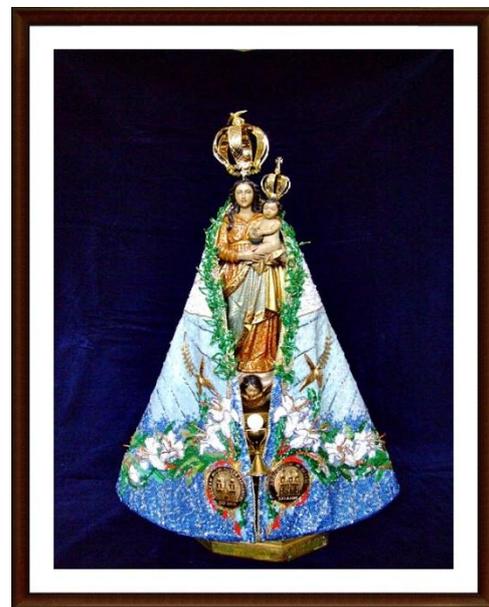
Mistérios e indagações à parte, o pesquisador e professor Heraldo Maués, conclui assim a discussão sobre Plácido. “O caboclo Plácido deve ser considerado como um dos mais importantes cidadãos paraenses, muito mais importante do que tantos políticos que são nomes de ruas e praças. Foi ele que começou a mais importante manifestação religiosa de massa do Brasil e uma das mais importantes do mundo”, opina Maués. (Diário do Pará)

Curiosidades do Círio de Nazaré



MANTO

Inicialmente o manto da Santa não era confeccionado anualmente devido ao elevado custo da produção. A confecção anual nasceu por iniciativa e empenho da irmã Alexandra, da congregação das Filhas de Sant'Anna (colégio Gentil), que, na década de 60, se ofereceu para fazer o manto com material doado por um promesseiro.



DIA DO CÍRIO

Os jornais de 1840, 1843, 1846 e 1849 registram a realização do círio em uma tarde de quarta-feira, um horário sempre sujeito à chuva. Por causa disso, em 1854, foi anunciada a transferência da procissão para a manhã de domingo.



LARGO DE NAZARÉ

No século XIX, a 'Sociedade do Descanso alugava cadeiras para quem quisesse apreciar o movimento do Largo de Nazaré. Eram contratados criados para servir água em copos de cristal e charutos importados. Um anúncio no jornal O Liberal da época pedia que todos fumassem os charutos com "chiquismo".



ORIGEM

Sobre a origem do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, dizem que o governador Souza Coutinho foi muito influenciado pela lenda da fuga da Santa, da capela do Palácio do Governo para as matas do Utinga. Por esse motivo, pediu à Confraria que repetisse o movimento que o povo atribuiu à Virgem. E o Círio, até hoje, cumpre o mesmo ritual, sendo que ao invés de iniciar o trajeto na capela do Palácio do Governo, sai da igreja da Sé.

LEI

Existe a Lei da Padroeira: "É de lei, lei dos homens, que Nossa Senhora de Nazaré é merecedora de honras de Estado". É a Lei nº 4.371, de 15 de dezembro de 1971.

HINO

O hino oficial do Círio foi criado no mesmo ano em que foi lançada a pedra fundamental da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Dizem que o hino foi feito para Nossa Senhora da Providência, padroeira dos Barnabitas. Depois, a pedido do Padre Afonso Di Giorgio, líder católico na época, o advogado e político Aldebaro Klautau adaptou o estribilho que atualmente cita o nome Senhora de Nazaré.



CORDA

A partir do Círio de 1995, a berlinda passou a ser atrelada à corda no Boulevard Castilho França com a avenida Portugal, em frente ao Mercado do Ver-o-Peso. Desta forma, a berlinda passou a sair da Catedral de Belém protegida por um cordão humano, formado por um pelotão de 60 homens da Polícia Militar, Marinha, Exército, Aeronáutica e Guarda Municipal, além dos 120 homens da Guarda da Santa.

DECORAÇÃO

Até 1963, a berlinda era decorada apenas com flores brancas. A partir de 1964, ela ganhou um novo visual, passando a ser enfeitada com flores de todas as espécies e cores. (Foto: Ivan Siqueira)



MISTÉRIO

Todos os anos, a coordenação da festa mantém um certo mistério sobre o manto que a imagem de Nossa Senhora de Nazaré irá usar. No Círio de 97, a padroeira usou dois mantos: um na transladação e outro na grande procissão de domingo. Foi a primeira vez que dois mantos foram confeccionados para um só Círio. O manto usado na transladação foi doado por uma catariense, Genosí Pawlick, que assistiu ao Círio pela televisão e pediu a um amigo de Belém, coronel Roberto Pessoa Campos, para tirar as medidas do manto da padroeira para confeccioná-lo em seu ateliê, em Florianópolis. Ele foi feito na cor branca, em veludo alemão, bordado com miçangas de porcelana, vindas da Austrália, e estrasse da Checoslováquia.



COMIDA



A tradição é o pato no tucupi e a maniçoba. A maniçoba prato de origem indígena, típico da Amazônia, leva entre 5 e 7 dias cozinhando, para ser servida na Ceia do Círio. Isso porque a maniva, folha da mandioca, ingrediente principal da maniçoba, possui substâncias tóxicas que se ingeridas cruas podem matar por intoxicação.



PROMESSA

No círio de 1996, um romeiro chamou a atenção do público e da imprensa: para agradecer a uma graça alcançada, ele carregava atracados ao seu corpo 150 caranguejos vivos. A intenção do promesseiro era de que os caranguejos ficassem expostos no Museu do Círio. A diretoria do Museu não concordou totalmente, mas também não se desfez do pedido do promesseiro. Mandou empalhar alguns caranguejos, que hoje estão em exposição junto com a vestimenta usada pelo homem.

FOGO

No Círio do ano de 2002, o percurso tradicional do Círio foi modificado por causa do incêndio que atingiu uma casa comercial, no início da Boulevard Castilhos França, na manhã do Domingo (13). Da Catedral, a imagem foi levada pela Avenida João Alfredo e só depois entrou na Boulevard. Por causa do incêndio, a imagem de Nossa Senhora não foi atrelada à corda, o que fez com que a procissão de 2002 fosse uma das mais rápidas da história do Círio de Nazaré.

DEMORA

O Círio do ano 2000 foi o mais demorado da história em mais de duzentos anos de procissão. A romaria durou 9 horas! O percurso, que tem cerca de três quilômetros, começou às sete horas da manhã e só terminou às quatro da tarde.

QUEBRA DA CORDA

Apesar da força que os romeiros fazem ao segurar a corda, dizem que ela só quebrou uma única vez. Teria sido em 1980, em frente ao Hotel Excelsior Grão Pará, na Avenida Presidente Vargas, em Belém. Um militar da reserva teria fraturado a bacia durante o incidente.



TUMULTO

A corda, tradicionalmente, sai junto com a procissão, que inicia na Catedral Metropolitana de Belém. Mas em 1995, a diretoria da festa decidiu que a saída da corda seria em frente ao mercado do Ver-o-Peso. A medida foi para garantir segurança e melhorar a fluidez do percurso. No entanto, houve tumulto e alguns romeiros cortaram a corda que, pela primeira vez, foi atrás da Berlinda e não à frente, como sempre acontece

DURAÇÃO

A corda dura até três anos. Depois desse período ela é doada para as paróquias do interior ou fica guardada no Centro Social de Nazaré.

POEMAS E IMAGENS INESQUECÍVEIS DA FÉ



Leis-me aqui, Senhora, bubuiando
— igrarité de anseios e pecados —
nas águas desse rio de reza e riso
a correr para o mar do Teu amor.

Mas como ver-Te santa na berlinda
se vejo-Te, Senhora, naufragada
entre rostos sofridos, pés descalços,
mãos que sangram na Corda, entre marias

envoltas em mortalha carregando
promessas e sofrências sob os véus...
... e eu aqui, Senhora, enclausurado

em meu sudário feito de ilusões...
Pequeno mururé vagando a esmo
num rio secular de incenso e mirra.

(JURACI SIQUEIRA, *Incenso e Mirra*2000: p. 10)

Senhora de Nazaré

Senhora,
talvez aqueles que te levam
pelas ruas
no azul levíssimo da alma
nem percebam
que é por todos nós que passas...

Senhora,
tu que passas sobre todas as cabeças,
coroa de cantares e perfumes,
entre pedras, paus, penas e espinhos
hás de tornar cada vez mais suaves
nossos caminhos...

Senhora,
barca de flores
caviana mística
coração de pétalas no peito da manhã
Iara boiando em águas encantadas
rosa mística, “lírio mimoso”, cântico dos cânticos...

Senhora de Nazaré,
tu que passas pisando nosso chão
coroada de sonhos e de flores,
só não hás de passar no ardor do meu coração...

(Pais loureiro)



Devotos

*"Salve rainha mão de misericórdia,
Vida, doçura, esperança nossa"...*

No meio da multidão

Alguém grita:

- Lá vem a santa!

- A santa vai passar!

Em cada rosto

A marca da devoção

A euforia de fé continua.

- Aí vem a imagem da santa!

- Que ela nos proteja!

Alimenta nossas esperanças

Por dias de abonaça

Nos sussurros, nos brados.

- Lá vem nossa mãe-padroeira!

- Que ela nos conduza à paz!

Amolentai o coração dos homens

Para que nele nasça o amor

E o povo conclama

- Viva Nossa Senhora de Nazaré!

Belém do Pará esta sorrindo

E as pessoas oram de joelhos e de pé

As promessas os devotos estão pagando

Pelas graças alcançadas

Seja por um braço

Uma perna

Pela tão sonhada casa

Pelo vestibular do filho

Pela droga esquecida

Uma UTI vencida

A multidão segue em oração

- São tantas as graças que concedes

minha Nossa senhora querida,

minhas lágrimas se convertem

em lágrimas da mais profunda alegria.

*"... ó clemente ó piedosa
ó doce sempre Virgem Maria
rogai por nós santa Mãe de Deus"
(Joabher Bentes)*



O presidente da **AMAM**, Pedro Barbosa, deseja a todos os funcionários, ao povo do Pará, especialmente a todos os marajoaras, um Círio repleto de alegria, paz, amor e fé.

EDIÇÃO:

Joabher Bentes – Comunicação/AMAM

Fontes:

Diário do Pará

O Liberal/ORM

Renato Chalu

P. Basílica

Marcio Couto

Flickr

IBGE

